A vida de Vicente Lopes de Negreiros

OU

"VICENTE DA CAMINHADEIRA"

Aos leitores da *Revista do Instituto* offerecemos o manuscripto que abaixo se segue sobre a vida de Vicente Lopes Vidal de Negreiros, mais conhecido por «Vicente da Caminhadeira», documento este inteiramente desconhecido nas paginas da historia do Ceará.

O alludido trabalho é da lavra do mallogrado coronel Thomaz Catunda, fallecido, ha dois annos passados, em Santa Quiteria, deste Estado, onde residia.

Como já fizemos sentir em opusculo anterior (vide *Chronica do Ipú*) os crimes praticados pelos *Mourões* — um dos acontecimentos mais notaveis na historia criminal do Ceará, teem ligação, directa, com a vida de Vicente Lopes Vidal de Negreiros, e os innumeros episodios que cercam a sua celebre pessôa, foram intelligentemente descriptos pelo coronel Catunda, a quem se deve hoje a verdade sobre a acção de um homem tido como um criminoso vulgar, mas de sentimentos nobres, e que só por força de conveniencias especiaes se tornára celebre nos annaes do crime.

Fala o coronel Thomaz Catunda:

. . . . . .

. . . . . .

I

No principio do seculo passado quando ainda as trevas da ignorancia reinavão em sua maior intensida-

de nos sertões do Ceará; n'essa epocha do mais completo obscurantismo, em um sertão inculto distante de logares mais civilisados, porque esses mesmos eram raros, e para onde quem se via forçado a procural-os confessava-se e despedia-se, chorando, dos conhecidos, suppondo não mais voltar não obstante as promessas feitas de missas para as almas do purgatorio, que então eram celebradas a 240 reis, de responsos a Santo Antonio de Lisboa e danças a S. Gonçalo de Amarante, tão distantes eram as moradas umas das outras, e tão vastos eram os campos compostos de florestas virgens e catingas cheias de groteões cortadas por mui raros taboleiros, uns pequenos e pedregosos e outros mais dilatados e arenosos, foi que no abundante anno de 1805, nasceu, na fasenda—Cachorros—do termo do Tamboril, Vicente Lopes Vidal de Negreiros, filho legitimo do abastado fasendeiro João Lopes Vidal de Negreiros e D. Rosa Maria da Conceição.

—Ainda bem môço, creado n'aquelle ambiente de total ignorancia em que não havia o menor vislumbre de instrucção litteraria, onde raramente se encontrava um homem de outra terra, que soubesse *riscar* o nome, e os poucos que appareciam, escreviam *Uicente* por Vicente, *Ioão* por João, *Iozé* por José etc, e ás mulheres era vedado, pelos paes, a conhecer uma só letra do alphabeto, e cuja *boa* educação, para o homem, alem de apprender a *riscar* o nome era: tocar viola, dançar o *.baião* bem sapateado, cantar o *lê-ladrão,* e alguma *chula*, jogar espadas, faccas de ponta e cacête e jogar com baralhos o 31, o 21, o frexa, a *espadilha* e o *trumpho,* e para as mulheres era: coser com agulha, faser renda, tecer panno de algodão, fiar e faser *cacundê,* bordado este que a geração presente não conhece e que aliás dependia de grande habilidade; o luxo era: *mascar* fumo, traser uma espada da *ponta direita*, ou uma parnahiba—*rabo de gallo* na cintura e um par de pistolas dos canos de bronze nos coldres quando andavam a cavallo; Vicente Lopes, fez-se um rapaz divertido, senão um bohemio.

—Dotado de grande coragem a par de muita agilidade, de uma vigorosa intelligencia, de memoria prodigiosa e de grande força de vontade, apprendeu a ler ainda que mal e escrever com boa e intelligivel caligraphia, e tocar viola *bem ponteada*, cantar bem e dançar com graça tanto o *baião de galho e bem sapateado* dando estridentes castanholas com os dedos, como o *miudinho*, o *lundú* o *côco*, o *bagaço*, o *caranguejo*, *não me deixes* e outras danças que nos foram transmittidas de Portugal e da Costa d'Africa, aliás mais decentes e innocentes das que actualmente se usam.

—Convem notar, que essa apprendisagem veio a apparecer, quando, dissipando-se, um tanto, as trevas da ignorancia, já appareciam pelo sertão alguns homens de *calças e coletes* e raros *marinheiros*, como eram chamados os Portugueses.

II

—Homem branco, descendente por linha paterna do heroico André Vidal de Negreiros, bem parecido, de phisionomia sympathica e atraente, era de uma abnegação sem limites para com seus amigos.

—Por suas maneiras gentis e seus dotes naturaes: eximio tocador de viola, cantador e dançador como era logo em tenra edade e pelo seu criterio, amor a honra, energia e norma de conduta, formou em volta de seu nome uma atmosphera de respeito e dedicação.

—Com quanto gostasse muito de divertimentos não deixava de trabalhar para augmentar a fortuna de seu velho pae, e tambem para si prevendo o futuro. E como n'aquelle tempo o melhor negocio, que mais vantagens offerecia-se para ganhar a vida, no sertão, tendo animaes de cargas e quem o servisse como escravos e famulos, como seu pae e elle tinhão, era, ainda que com difficuldades de longas e penosas caminhadas, comprar sal na barra do Acaraú a 40 reis o alqueire e vendel-o no Piauhy a troco de coiro de gado, dando cada terça (5 litros) de sal por dois coiros, mandal-os depois cur-

tir e vender a sola na Granja, que d'ahi era exportada para o Maranhão.

—Foi em uma d'essas viagens ao Piauhy, em uma festa de casamento, onde se achou, cantou, dançou e tocou, e onde tambem se achou D. Antonia Leonor Peres, môça doptada de uma bellesa deslumbrante, filha de Caetano Peres de Oliveira, que esta fascinou-se por elle dando demonstrações de, por todas as veses que sahia para dançar *sacudir-lhe o lenço*, como era de costume. Logo que o pae de D. Antonia presentio a influencia de sua filha, retirou-se com ella antes da festa terminar, e no dia seguinte foi queixar-se ao Capitão-mór F. Leitão, para que fisesse retirar-se para sua terra aquelle *cabeça chata* atrevido, que com suas *cantarolas* andava sedusindo as filhas alheias; o Capitão-mór que era amigo de Peres, e era o *dunga* daquelles sertões, mandou vir Vicente Lopes a sua presença e intimou-o para retirar-se no praso, improrogavel, de 24 horas para sua terra, sob pena de ser recrutado, se não lhe acontecesse cousa peior, caso lhe desobedecesse, fasendo-lhe sciente do motivo porque assim procederia. Vicente Lopes disse-lhe então que só se retiraria depois de concluir o seu negocio, e que não andava sedusindo filhas de ninguem; mas uma vêz que Peres, assim o supunha, d'ali mesmo iria pedir sua filha em casamento, e de certo casaria com ella, acontecesse o que acontecesse; que não tinha medo de ameaças e não sahiria fugido. E, effectivamente, foi ao *rancho* onde tinha seu comboyo, armou-se e ordenou a um de seus companheiros de mais confiança, rapaz solteiro, que o acompanhasse. Dirigindo-se a casa de Peres, não o encontrou em casa, e como encontrou a môça, no *copiá*, a faser renda em companhia de uma creada môça tambem bonita, disse a D. Antonia o motivo que alli o trasia e que se queria casar com elle o acompanhasse; a môça, depois de algumas reflecções decidio-se, e sendo posta pelo companheiro na garupa do cavallo em que Vicente Lopes montava, ordenou este que elle condusisse tambem a creada; despedindo-se de

alguem que alli estava, seguio sua viagem, fôi depositar a môça e a creada em casa de um amigo, e poucos dias depois casou-se, assim como tambem casou-se o companheiro com a creada.

—Pouco depois dos raptos, chegando Peres a casa, soube de todo o occorrido, porém não se atreveu a perseguir os raptores, limitando-se somente a blasfemar, e nem o Capitão-mór tambem ousou faser qualquer ataque. Vicente Lopes voltando, casado, a sua terra, fês residencia no logar—Ferreiro—do termo do Tamboril. Peres tendo depois boas informaçõcs do genro, mandou-o chamar, fasendo-lhe muitos offerecimentos e tornou-se muito seu amigo, continuando então V. Lopes com o seu negocio para o Piauhy.

III

—Por duas veses tivemos occasião de nos avistar com V. Lopes; a primeira em uma festa de casamento de um seu amigo, onde tocou, cantou e dançou, e palestrou deliciando satisfatoriamente o auditorio; e a segunda quando em visita a alguns amigos demorou-se por tres ou quatro dias n'esta Villa (Santa Quiteria), isso no decennio de 1860, quando elle já se achava completamente livre e descançado da vida tormentosa que por alguns annos levara; foi então quando ouvimol-o narrar suas aventuras; mas sendo elle já bastante encanecido, e nós de muito tenra edade, quando nenhuma importancia ligavamos as cousas d'este mundo, pouca attenção demos as suas narrativas; e hoje quando já nos achamos em edade bem avançada e com a memoria já bastante entorpecida não podemos descrever com precisão, nem com datas distintas e certas do que nos ficou então em lembrança, e do que, com muita difficuldade, temos obtido saber de sua vida.

IV

A sua entriga com os Moirões, de quem aliás era parente por afinidade, que deu logar a sua celebridade,

tem-se-nos contado de differentes modos, mas dando-se sempre como origem d'ella a—mulher—confirmando-se assim a opinião de Sainte Beuve, celebre critico Francez, que em todas as questões que se lhe apresentava disia *cherchez la femme*, que alli achareis a origem.

Assim, diz-se, que andando V. Lopes em viagem para o Piauhy, Antonio Moirão pedio em casamento sua irmã D. Francisca, no que seu pae consentio; chegando, porém, V. Lopes, seu pae, participando-lhe o pedido e seu consentimento do casamento, disendo-lhe que era preciso realisal-o logo, V. Lopes então oppõe-se formalmente disendo que não queria mais misturar o parentesco com aquella familia, e por mais que o velho *martelasse* com elle, fasendo-lhe ver as más consequencias, que poderiam sortir de tal recusa, já tendo dado o seu consentimento; nada o demoveu, disendo que arrostaria com toda responsabilidade, houvesse o que houvesse, e tratou então de casar sua irmã com Antonio Pinto de Mendonça, e por tal forma fez que, quando Antonio Moirão esperava resposta definitiva marcando-lhe o dia do casamento, recebeu carta convidando-o para assistir o casamento de D. Francisca Lopes com Antonio Pinto de Mendonça.

—Antonio Moirão, apesar da affronta, não usou de hostilidades contra V. Lopes, limitando-se a fazer muita *zuada* e ficar differente com elle. Pouco tempo depois tendo Antonio Moirão mandado, por sens sequases tirar á força de armas uma mulher bonita do poder do marido, que ha dois meses, apenas, havia casado, este veio ter-se com V. Lopes para intervir de modos que lhe fosse restituida sua mulher, elle negou-se disendo que havendo já um desgosto entre elle e os Moirões, não queria augmentar intriga com elles, e que tivesse paciencia e resignação que algum dia sua mulher lhe seria entregue. Um anno depois estando V. Lopes bem descançado em sua casa, em occasião em que almoçava, foi surprehendido pela presença d'aquella mulher que precipitando-se para elle, banhada em lagrimas,

ajoelhou-se a seus pés supplicando-lhe que, pelo amor de Deus e de sua familia, a tirasse d'aquella vida em que na maior coação se achava, e fasendo com que podesse viver com seu marido, o qual se achava em companhia de V. Lopes desde que lhe fora raptada a mulher. V. Lopes, logo escreveu a Antonio Moirão participando-lhe o occorrido, e pedindo-lhe que deixasse aquelle casal viver em paz; Antonio Moirão, já despeitado e de *venta inchada* com elle, respondeu-lhe negativa e atrevidamente disendo-lhe que não cedia; e que se elle não o despedisse de sua casa iria immediatamente arrancal-o do interior de sua casa. V. Lopes replicou-lhe muito formalmente que não o despresaria e nem deixaria que sahisse de sua casa, e que, quando elle quisesse podia vir *arrancal-o* de sua casa.

—João Lopes, vendo o perigo iminente aconselhou o filho, que abandonasse aquelle casal, e que se retirasse para o Piauhy, com a familia onde morava seu sogro. V. Lopes tomou o conselho de seu pae em retirar-se para o Piauhy, menos em abandonar aquelle casal, disendo que seria, alem de uma deshumanidade, uma covardia sem nome, se assim o fisesse, e effectivamente retirou-se condusindo seus protegidos, indo residir no Piauhy com seu sogro, onde permaneceu por algum tempo.

—Diz-se tambem, que tendo Antonio Moirão, conhecido por—Cabano, chefe da familia, com um sequito de cangaceiros, em suas correrias, roubado ao sargento-mór Leandro Bezerra, homem rico, dono de fazendas de gados no sertão e de terras na serra grande, onde morava, na matriz de S. Gonçalo, da serra dos Côcos, e na occasião, condusido á força uma filha de creação d'aquelle sargento-mór, de quem V. Lopes era intimo amigo, e que tendo elle conhecimento de tal vandalismo, sabendo da penosa e por demais afflictiva circunstancia em que se achava seu amigo, homem pacato e ordeiro, fês-se acompanhar de alguns cangacei-

ros, que por alli havia em abundancia, e com estes conseguiu tomar a moça do poder de—Cabano—, sem que houvesse o menor conflicto, entregando-a a seu pai de creação. Tambem conta-se que tendo Miguel ou Manuel de Lima, morador e protegido de V. Lopes, casado com uma sua parenta, assassinado a propria mulher e a Miguel Carlos a mandado da mulher d'este, com quem tinha relações illicitas e pretendia casar-se, V. Lopes, logo que teve conhecimento de tão nefandos crimes praticados por Lima, correu com elle de suas terras, reprovando acerbamente o seu negro, vil e torpe procedimento, disendo-lhe que se retirasse immediatamente, pois não o queria ver mais nunca; Lima, então amedrontado procurou a Antonio Moirão e d'elle se valeu disendo que V. Lopes procurava matal-o, e disia que o mataria ainda que o encontrasse *entre as pernas do rei.*

Conta-se, finalmente, que tendo uma amasia de Antonio Moirão pedido um presente de festas a V. Lopes, este lhe dera um *corte* de chita para vestido, e que Antonio Moirão sabendo, tomado de ciumes e dando-se por offendido em seus brios de homem poderoso e valente blasphemara contra V. Lopes, disendo que lhe pagaria o *desaforo*; tomara a chita da amasia, queimara-a, e cortara o cabello da pobre mulher com uma faca.

Não temos certesa qual d'essas versões fosse a verdadeira, pois não temos a menor lembrança, se ouvimos V. Lopes diser qual a causa primordial de tal intriga, parecendo-nos, comtudo ter sido a primeira; o que é verdade é que, fosse ella qual fosse, teve por origem a —*mulher*, tornando-se uma intriga tenaz e furiosa, que tanto tempo durou e tantas vidas custou.

V

Vicente Lopes não foi um assassino nato, um faccinora temeroso, como alguem, injustamente, já o classificou; pois assassinos são aquelles que matam ou mandam matar os seus simelhantes, as veses até innocentes,

por qualquer futilidade, sem o menor motivo, sómente por vangloria, como fasiam os antigos—Ferros—e parentes e os *Condurus* no nosso tempo: os *Orlandos* e actualmente estão fasendo os *Chapéus grandes* (1) para roubar ou ganhar dinheiro de qualquer mandante, e outros de egual jaez. E, qualquer physionomista, que para elle fitasse a vista, ou que lhe examinasse as linhas das mãos havia de conhecer n'aquella fronte magestosa e n'aquelle craneo bem conformado, que alli não se aninhara a bossa do assassino, e nem n'aquellas linhas desembaraçadas das mãos se via que elle não o era e nem poderia ser, como por seus actos e suas acções jamais foi julgado por quem com elle conviveu e por quem está a par de sua chronica; ao contrario era um homem justo, de uma rasão esclarecida, de indole pacifica, de louvavel comportamento, affaval, jovial, generoso e sobre tudo de uma abnegação sem limites para com seus amigos principalmente, e para com aquelles a quem era grato, e que somente por essa abnegação e verdadeira dedicação para com elles, ou affrontas, que a elle ou a pessoas de sua familia ou de sua intimidade se fisesse, em um tempo como aquelle em que o bacamarte —*bocca de sino* dava leis e imperava despoticamente, tendo incorrido no odio dos Moirões, senhores de *baraço* e *cutello* e educados na perniciosa escola instituida por Martins Chaves, que por suas perversidades, foi preciso que o governador da Capitania do Ceará, em 1805, João Carlos, depois visconde ou marquez de Aracaty, fosse, pessoalmente, de ordem de D. Maria 1.ª,

(1) São por demais conhecidos os crimes a que se refere o coronel Catunda, notadamente os que tiveram por protagonistas os *Ferros, Condurús, Orlandos*, etc

Quanto aos *Chapéos grandes*, ao que parece, foi extincto esse pernicioso grupo com o assassinio, no termo de 'auh', do celeberrimo Queiroz, o mais terrivel delles, e recente prisã', no termo de Ipú, do ultimo desses bandidos, o não menos celebre Antonio Rodrigues ou Manuel Leite, como era conhecido nos sertões da Parahyba para onde foi recambiado.—E. S.

rainha de Portugal, prendel-o, coadjuvado por grande força, em S. Pedro de Ibiapina, vindo a fallecer na Cadeia do Limoeiro em Lisboa, para onde foi deportado, viu-se então V. Lopes obrigado, elle que era de uma coragem desmedida, amparado por sua superior agilidade, a lançar mão das armas para poder defender-se de seus inimigos.

—Assim, presentindo a animosidade dos Moirões contra elle, quando não tinha ainda havido um rompimento entre elles, comtudo, pelo que se lhe informava, e porque era de moda, fêz tambem o seu sequito de cangaceiros prevendo qualquer eventualidade, ou ataque da parte d'elles, tomou o seu *boca de sino* e a sua granadeira dando-lhes os nomes: a aquelle de *Canario* e a esta de *Negra velha*, que depois lhes serviram bem, e quando em acção atacado pelos inimigos, ao disparar o primeiro tiro recitava sempre, em altas voses a seguinte quadra:

--Quando o canario abre o bico
Turba-se o tempo, meu bem;
Chore quem tem de chorar,
Que não sou pae de ninguem.

—De entre o seu sequito, conta-se que tinha: José de fama, que depois o traío indo reunir-se aos Moirões, Severino, Chanana, Goyabeira o mais fiel de todos, que sempre o acompanhou, Fama-leal, José baixinho, Jaramatalha, Belchior e outros de sua intima confianca, que nunca o desampararam em seus trabalhos; acompanhando-o tambem, quando a intriga cresceu, seus dois irmãos, João e José Lopes, homens, como elle, destemidos, principalmente o ultimo, que conhecemos pessoalmente por alguns annos, já velho e pae de numerosa familia, sendo vaqueiro na fazenda—Juá—do Senador Paula Pessôa, e d'elle nos disse V. Lopes, «*que seu irmão Cazuza, não só tinha muita coragem, como tinha máu genio e era precipitado*».

—Depois de alguns annos vimos José Lopes, coi-

tado, pobre e com horrivel cancro no rosto, do que veio a morrer.

VI

—Vicente Lopes, suppondo que os Moirões não o provocariam a uma luta a ferro e a fogo, pois entre elles apenas havia desgostos, sem que houvesse qualquer discussão; mas prevendo que o poderiam provocar, foi em 1831, passar o natal na matriz de S. Gonçalo da serra dos Côcos, onde Antonio Moirão era o *maior de espadas* e tinha seu quartel general. Alli chegando, teve logo certeza da grande prevenção dos Moirões contra elle, disendo-se-lhe que andasse com muita cautela.

Elle, então, para evitar qualquer conflito, pois não tinha ido brigar e nem desejava, prevenio a seus companheiros, principalmente a Belchior, de quem Antonio Moirão já tinha rixa, que se esquivassem, o mais que fosse possivel, de sahir ás ruas então repletas de cangaceiros dos Moirões, e onde de momento á momento, se ouvia o troar dos *boucas de sino*, confundidos com os das *roqueiras*, e os gemidos, gritos e suspiros das victimas que tombavam.

—Vicente Lopes, como já dissemos, apesar de não esperar uma provocação formal da parte dos Moirões, não deixara de ter ido acompanhado por dois outros *valientes* armados, já se sabe, porque era o luxo; mas tendo os avisos que teve ao chegar, fêz aquella advertencia a seus companheiros, pois o seu desejo era passar aquelles dias de festa em bôa paz e divertindo-se, e assim manteve-se sempre na casa em que hospedara-se, onde era constantemente frequentado por grande numero de amadores, que alli afluia para ouvil-o cantar e tocar viola.

—Em certa occasião, em pleno dia, quando os tambores rufavam acompanhados pelos melodiosos pifanos e as rouqueiras trovejavam, no adro da matriz, Belchior teve urgente precisão de sahir á rua, tomando o capote de Vicente Lopes, sem que este soubesse. E

quando V. Lopes se achava acercado de seus admiradores fasendo sahir vibrantes accordes de sua harmoniosa e querida viola, casados com sua sonora vóz de tenor, de repente é surprehendido pelo estampido de um tiro de bacamarte, gritos e uma vós angustiosa que disia: «Meu amo, senhor V. Lopes, acuda-me, que me mataram». Deixar o *pinho* e lançar mão do *canario* ou da *negra velha* e pular em um tempo no meio da rua foi obra de um momento; então vio o seu amigo Belchior, que sem seu consentimento sahíra á rua, que vinha rua a baixo, cambaleando e banhado em sangue! Nesse interim vê passar um homem de uma casa para outra opposta, e cego pela colera que d'elle apossou-se, aponta sua arma para elle; mas por atrás de si outrem mais previsto e agil do que elle, desfeixa um tiro n'aquelle homem, que cahio morto. Mas, oh! decepção para si, quando suppondo que o morto fosse o *Cabano*, soube ser o irmão Manuel Moirão, ficando por isso muito pesaroso, porque esse era o melhor dos Moirões—, e com quem sempre tivera intimas relações de amisade, e não pactuava com seus irmãos e parentes em seus desvarios. Manuel Moirão morreu immediatamente, e Belchior, no dia seguinte, depois de ter recebido os sacramentos da hora da morte.

—Depois de ter recolhido Belchior á casa, quasi moribundo, V. Lopes ainda quiz sahir á rua para vingar o seu amigo, o que lhe foi obstado por seus amigos vendo o mau resultado de tão temeroso tentamem, sendo elle e os seus em numero muito limitado, e os inimigos muitos e bem colocados nas posições em que se achavam; ainda assim, da porta da rua, desafiou-os a virem atacal-o; elles, porém, apesar do desespero e a furia em que ficaram com a morte de Manuel Moirão, não ousaram atacal-o.

Vicente Lopes, depois de assitir com seu amigo até o ultimo suspiro, e de dar todas as providencias precisas para o seu enterro, vendo que seus inimigos eram muitos e senhores da terra, e elle via-se acompanhado, apenas, por dous ou três de seu sequito, prevendo que

elles iriam por emboscadas nas ladeiras para o matar, ou poderiam o atacar á noite na povoação, resolveu retirar-se ao anoitecer do dia seguinte, mandando-lhes diser que os ia esperar na ladeira tal (dêo o nome) e que lá esperava-os para se divertirem.

—De facto, lá passou toda noite de promptidão, esperando a cada momento ser atacado; porém, lá não foram, e n'isso andaram bem avisados, porque, nos disse Vicente Lopes: «*menino, eu estava desesperado com a morte de Belchior, e contrariadissimo com a de Manezinho Mourão, a quem tinha amisade, e era muito boa creatura; portanto, mataria a quantos apparecesse*».

—Com tal acontecimento engrossou então a intriga dos Mourões com elle.

—Retirando-se para sua residencia nos—Cachorros, —preparou-se, para enfrentar os seus inimigos em qualquer occasião que o procurassem.

—Poucos dias depois era morto á bala nos braços d'amante, no logar Curtume, o faccinora Manuel de Lima, que senão deo o principal motivo da intriga, concorreu bastante para ella.

—Vicente Lopes não teve mais socego, vendo-se continuamente perseguido por seus implacaveis inimigos, que armavam-lhe ciladas por todas as partes, das quaes conseguio sempre saír illeso, já por sua coragem, resistindo impavido a seus ataques, fasendo-os recuar em varios encontros, metendo-lhes medo, já por sua agilidade livrando-se das balas de seus bacamartes contra elles disparados, que nunca lhe attingiam, e apenas a seus pés cahiam respeitosas e fasendo poeira e já porque sempre procurava evitar encontral-os desviando-se do rumo em que os poderia encontrar, com o que elles se desesperavam, e disiam que o *cabra era feiticeiro; mas que haviam de quebrar sempre o seu encanto.*

VII

—Vulgarisada a valentia, coragem e prestigio de V. Lopes, fez com que dos sertões de Pernambuco ou

Parahyba viesse ter-se com elle F. Menezes, homem tambem de reconhecida coragem, solicitando o seu auxilio para poder haver um escravo que fora de seu pae, fugido ha annos, que constava existir rico e afamiliado no Piauhy, gosando de importancia, e que, certamente, não se entregaria com boas maneiras. V. Lopes dando-se por prompto para tal empresa, convidou a seu irmão João e mais alguns de seus *fieis soldados.*

Os Mourões, que pesquisavam V. Lopes por toda parte, tiveram logo noticia d'essa empresa, e desejando tomar d'elle uma boa desforra, caso não o podessem matar, como era de seus desejos, calcularam em que dia passaria elle e seus companheiros no logar—Pôço d'agua—já do estado do Piauhy, em um apertado de serrotes, onde se entrincheiraram de um e outro lado da estrada esperando a occasião em que podiam passar.

Efectivamente, ao passarem V. Lopes e seus companheiros n'aquelle logar funesto, foram surprehendidos e atacados por todos os lados d'aquelles desfiladeiros, á balas, por seus inimigos, que alli os esperavam bem entrincheirados por trás das pedras. Depois de heroica e tenaz resistencia foram mortos João Lopes e Menezes, ficando V. Lopes e um outro companheiro, que não correu a resistir o ataque ainda por muito tempo, em campo raso; não conseguindo, seus inimigos, matal-o e nem sequer feril-o! Conseguiram porem matar o animal em que montava, em cuja occasião V. Lopes saltando da sella, calçado de botas *russianas*, luxou um pé, e ficou ainda a resistir o tiroteio saltando em um pé somente. José de fama, que o traira e fazia parte dos cangaceiros dos Mourões. vendo V. Lopes em tal estado e com as abas da sobcasaca á arder proveniente das buxas dos bacamartes, cujas balas não tocavam a seu corpo. apenas «quaes submissos leões se curvavam respeitosas», julgando a occasião asada para matar o seu antigo amo e bem-feitor, sahio fora da trincheira de bacamarte engatilhado e gritou: *morreste, cabra beiçudo*», mas não teve tempo de disparal-o, porque um *vomito* do Canario ou da negra velha, habilmente provocado

fel-o cahir de trincheira a baixo, indo parar aos pés, já morto, d'aquelle a quem tinha por certo matar n'aquelle momento.

—Assim poude V. Lopes escapar de tal emboscada, onde ficaram mortos seus dois companheiros e amigos e quasi todos os inimigos, indo, coxeando e extenuado de forças e fadigas, sahir em casa de uma pessoa caridosa, que forneceu-lhe meios de voltar a sua casa, e foi sepultar os mortos.

VIII

—A' esse tempo chega de Caxias, onde andava, a negocios, Alexandre Mourão, que tornou-se o maior perseguidor e o mais rancoroso inimigo de V. Lopes; este não teve mais socego, pois os Mourões davam-lhe caça por toda parte, com diversos grupos de cangaceiros.

—Temendo ser sempre assassinado, e não lhe convindo gastar sua fortuna, honestamente, adquirida, em sustentar um bando de cangaceiros para lhe guardar as costas, sem poder trabalhar, ou faser qualquer giro de negocio, para manter-se, resolveu mudar-se para o Aracaty-assú, onde já morava seu irmão José, que ficava a grande distancia de seus enimigos e em termo differente do Ipú, foco e dominio então d'elles; não deixando com tudo de manter sempre um certo numero de seus fieis companheiros de armas, de maior confiança, e notadamente - Goyabeira, de quem sempre se fêz acompanhar, vivendo alli em intima convivencia com seu irmão José, promptos sempre e preparados a enfrentar os seus enimigos, que alli mesmo procuraram, por veses, matal-o, mas que sempre foram repelidos e derrotados.

IX

—Em certa occasião, tendo os Mourões descoberto a pista de V. Lopes, e marchando em sua procura,

no Aracaty-assú, encontraram perto da casa um famulo de V. Lopes de nome Manuel Vicente, que ia á mandado do amo deixar uma carga de couros de gado, para ser curtido no logar — Almas, perguntando-lhes quem era respondeu ser famulo de V. Lopes; os Mourões então o aprisionaram e occultaram a carga de couros, fasendo Manuel Vicente voltar com elles para chamar V. Lopes, visto como Manuel Vicente confessara achar-se elle em casa a poucos momentos sem ter viagem a faser.

Sitiando a casa, sahio-lhès D. Antonia, mulher de V. Lopes, disendo-lhes que o marido não estava em casa, ao que Antonio Mourão retorquio-lhe, disendo: «*Como não estar este cabra, em casa, pois quando aquelle portador sahira ha poucos momentos ahi o deixara, não tendo viagem a faser?*» D. Antonia então em tom de mofa e para ridicularisal-os, conhecendo que era Antonio Mourão que fallava, perguntou se o Cabano tambem vinha, e em seguida disse-lhes que era verdade o que o rapaz dissera, mas que o marido, logo depois da sahida d'elle, sahira para o matto com os seus rapases.

N'essa noite os Mourões foram ao rancho de uma pobre familia, que ha poucos dias procurara a protecção de V. Lopes, e mataram três membros d'ella. Na manhã do dia seguinte fiseram matalotagem de uma vacca gorda de V. Lopes, que os observava de cima de um pequeno serrote, de onde, a tiros de seu Canario, fel-os se retirar em debandada deixando um ou dois de seus capangas de *pernas viradas* Do que houve, os Mourões officiaram ao sub-delegado de policia do Aracaty-assú, Antonio José da Rocha; cujo officio, consta ainda existir.

— Em outra emboscada, que fiseram á casa de V. Lopes, este andava fora, e encontrando o seu filho mais velho de nome Sebastião, e como este não quisesse descobrir o paradeiro de seu pae, Joaquim Mourão pendurou-o por uma perna para sangral-o, sendo obstado por Alexandre Mourão, que severamente o reprehendeu, não consentindo em tal attentado.

—Ainda em outra emboscada não encontrando Vicente Lopes em casa, pegaram José Baixinho, levaram-o para o terreiro pegado pelos braços para darem uma descarga de bacamarte sobre elle, para descobrir o amo; mas logo os dois detentores de Baixinho reclamaram estarem sendo atingidos por balas; resolveram então matal-o a punhal, quando viram punhaes alçados sobre elles; então o detento deu um tal geito no corpo que conseguiu livrar-se das mãos dos detentores deixando-lhes as duas mangas da camisa nas suas mãos, e deu um salto mortal tão grande pulando a cerca do curral, que as balas logo disparadas sobre elle não o poderam attingir, pois ao erguer o pulo, a descarga pegou por baixo, e quando baixou do outro lado da cerca pondo os pés em terra, segunda descarga contra elle disparada, pegou por cima.

X

Certos os Mourões de que a peito descoberto, ou por emboscadas não matariam V. Lopes, peitaram um seu vaqueiro para o matar. V. Lopes, um dia conversando com esse vaqueiro, notou, por experiencia, e por um sentimento psicologico, que aquelle sugeito o atraiçoaria; mas não lhe deu a conhecer a sua desconfiança. Foi para casa, mandou chamar seu irmão, contou-lhe o seu presentimento, e pedio-lhe para, d'aquelle dia em diante vir passar as noites com elle. José Lopes promptamente accedeu ao desejo de seu irmão. Uma noite, já bem tarde, achavam-se elles no mesmo dormitorio, de armas preparadas, quando ouviram bater á porta; perguntando quem era, e o que queria, respondeu-lhe que era F. seu vaqueiro, que alli vinha a toda pressa communicar-lhe um negocio de importancia com relação aos Mourões, que estavam para vir atacal-o. V. Lopes pega em duas hastes de madeira, forma com ellas uma cruz, põe sobre ella uma camisa sua de braços abertos, e um chapeu de couro no topo, e collocou-a defronte a porta que tinha de abrir, e poz-se de um lado, com o *Canario* engatilhado e mandou, em vós baixa, que seu

irmão sahisse cautelosamente, por detrás, acostasse-se ao oitão da casa, porem armado e preparado de modo que o tal vaqueiro não presentisse, e guardasse de vista até ver o resultado da conversa, pois estava desconfiado que era chegado o momento de realizar-se o seu presentimento.

Tudo assim combinado, e depois que José Lopes havia sahido, V. Lopes abre a porta e occulta-se por detrás d'ella deixando patente o engôdo, que fisera para illudir o inexperiente e perverso vaqueiro, que vendo aquillo e tomando a nuvem por Juno, isto é, suppondo ser o seu amo, disparou-lhe o bacamarte á queima-roupa; mas não teve tempo de fugir, porque José Lopes estava com elle debaixo de vista e logo que ouvio o estampido de seu bacamarte, ***atiçou-lhe fogo*** com a arma que tinha, deitando-o por terra quasi morto. Comtudo ainda poude confessar a sua traição, e pedir perdão a seu amo, e antes do dia amanhecer era defunto.

XI

Como já dissemos: V. Lopes não teve mais socego, e não lhe valeu ter-se mudado para o Aracaty-assú, porque lá mesmo seus enimigos o perseguiram; por tanto tratou de deixar alli sua familia entregue aos cuidados de seu irmão e amigos, e fez-se cavalleiro andante, com pequeno sequito de cangaceiros, fugindo e evitando sempre encontrar-se com seus enimigos, sem jamais os procurar.

—N'essa triste e penosa perigrinação, um dia descançava com seus companheiros á sombra de uma frondosa Oiticica, no logar—Cortume—do termo do Tamboril, e quando o arreeiro tratava de assar carne para a refeição do meio dia, approxima-se do ranxo, soprando e esbaforido, o cavallo de sua sella saltando sobre as peias. V. Lopes experiente como era, conhecendo seu cavallo, já amestrado em combates, gritou aos companheiros que lançassem mãos das armas, logo uma bala enimiga veio cortar o espeto de páu, da carne que se

assava; então elle e os seus entrincheiraram no tronco da Oiticica, respondendo com o maior denodo e destresa as descargas dos enimigos, os quaes depois de terem perdido 4 de seu sequito, deram costas deixando-os mortos, sem que, ao menos, podessem condusil-os para dar-lhes sepulturas.

—Depois achando-se elle um dia no logar—Serrote—do termo do Tamboril, em visita a seu amigo Cel. Diogo Salles, é alcançado pelos Mourões, que cercaram a casa para dar-lhe caça. O Cel. Diogo, homem de real prestigio e apparentado com elles, poude dar escapula a V. Lopes fornecendo-lhe meios de defesa e estigmatisando o procedimento de seus parentes por não o ter respeitado, com tudo franqueou-lhes a casa para correr; mas elles certos de que V. Lopes alli não se achava mais, poseram-se em seu encalce indo alcançal-o ao pé do serrote do *feiticeiro*, onde com os auxilios do Cel. Diogo, V. Lopes poz-se em resistencia, conseguindo faser um baixar a morada dos mortos, e os outros correr, sem que elle soffresse o menor ferimento.

XII

—Um dia, voltava elle do Piauhy para o Aracaty onde tinha sua familia; desviando-se da estrada real que era por—Campo-grande—temendo encontrar-se com os enimigos, seguio por S. Benedicto. Nos campos da—Jaibara, já no sertão, notou que uma pessoa á cavallo o seguia; foi demorando a marcha do seu cavallo até que foi alcançado por aquella pessoa, que logo lhe perguntou se elle era o Capm. Alexandre Mourão; ao que respondeu-lhe que sim, em vista do que lhe entregou uma carta de José de Barros em que pedia que desse ao portador 2$000 reis; elle depois de ler a carta deu a quantia pedida declarando, que não era Alexandre Mourão, sim V. Lopes. O pobre diabo ficou mais morto do que vivo, porem V. Lopes tranquilisou-o, mandando que seguisse em sua companhia fasendo parte do sequito. Em pouca distancia logo e an-

tes de chegarem ao olho d'agua do *Contra-fogo*, encontraram-se *peito a peito* com uma pequena escolta dos Mourões, travaram combate, porem os enimigos resistiram pouco tempo dispersando-se depois de terem deixado um morto e dous feridos.

XIII

V. Lopes morou em diversas partes em quanto durou sua entriga com os Mourões, e em todas ellas foi por elles perseguido, menos no logar -- *Frade* -- do termo de S. Francisco da Uruburetama, a pedido do Cel. João Ferreira Gomes de Miranda.

—Por muitas veses aconteceu ir elle em companhia de amigos, pois os tinha em toda parte, e de repente deixal-os seguir, e enternar-se pelo matto; logo depois encontravam-se elles com escoltas dos Mourões.

—Disia elle que os avisos que tinha de enimigos proximos eram dados pelo seu cavallo, que os sentia a grande distancia e desviava-se do rumo em que elles vinham.

—Disia, porém, o vulgo e os proprios Mourões acreditavam, *que era porque elle tinha cabo verde ou caboga*, bruxarias em que muita gente boa tambem ainda acredita, e que muitas sovas de cacete de pinhão tem custado, e até morte, a quem se suppõe que os tem.

XIV

—Conhecendo a difficuldade de por mais tempo, resistir tamanha perseguição, e desejando ter algum descanço, quando não podesse gosar de perfeita paz, esperando que a justiça o amparasse, porque então o governo já os perseguia por causa de seus desatinos praticados em suas correrias, e notadamente pelo barbaro assassinato do Delegado de policia do termo do Ipú, Manuel Ribeiro de Mello, conhecido por Mellinho, resolveu ir para fora do Estado, bem longe d'elles, ordenando que a familia fosse para o Piauhy, onde mo-

rava seu sogro. Assim o fês, indo refugiar-se no Estado de Pernambuco, suppomos que em — Pedras de fogo —, onde foi muito bem acolhido por seus patricios e amigos — Alecrins —, e alli passou dois annos na mais perfeita paz de su'alma. Travando, porém, amizade com um taverneiro, em cujo estabelecimento ia diariamente, ao anoitecer, tocar viola á porta, para matar as saudades do lar e dos amigos, acontece que em uma d'essas occasiões, quando *tangia* sua viola, teve um presentimento de ser n'aquella mesma noite atacado por seus crueis enimigos, parou o toque e entregou a viola a um rapaz que alli se achava; partio para seu aposento, a juntar-se com o seu companheiro e prepararem-se para os esperar, quando ouvio o estampido de duas armas de fogo a um tempo; correndo para lá, já alli encontrou somente o pobre rapaz, que em seu logar ficara tocando a viola, estendido no chão, morto, com um dedo da mão direita, e uma das orelhas cortadas!

Os assassinos tinham fugido com esses funebres tropheus!

Chegados que foram, os Mourões fiseram uma grande festa, e Alexandre Mourão foi positivamente ao Piauhy, deixar o *presente* a sua prima, D. Antonia, como elle chamava a mulher de Vicente Lopes; ella, porém, indignada repelio a tal offerta, disendo que aquelle dedo e aquella orelha não eram de seu marido, e que este brevemente havia de apparecer. Caetano Peres, aconselhou-a a tomar luto, o que ella fês e mandou cortar o cabello. Dias depois transportou-se ao Araçaty-assú, na firme convicção de que o marido alli a procuraria.

XV

— Os Mourões convencidos de que V. Lopes tinha sido assassinado pelos seus mandatarios, trataram de fugir das tropas do governo, que os perseguia.

— V. Lopes convencido de que a noticia de sua morte causaria grande consternação no seio de sua fa-

milia, pouco mais se demorou em Pernambuco, onde esteve dois annos; e com o seu fiel companheiro—*Goyabeira*, que nunca o deixou, tratou de voltar ao Ceará. Chegando a sua casa, no Aracaty-Assú—alli já encontrou sua familia, sendo recebido por ella e pelos amigos, que com o maior regosijo o saudaram.

Depois de ter descançado por alguns dias das fadigas da longa e penivel viagem que fisera, expedio um dos seus *fieis soldados* com uma carta aos Mourões, onde os encontrasse, disendo-lhes que tendo chegado a sua casa são e salvo, com boa saude, e que por isso tendo de faser uma festa em tal dia, convidava-os a assistil-a; mas que, em todo caso, por aquelle mesmo portador lhe devolvesse o seu dedo, que lhe estava fasendo falta para tocar viola.

—Os Mourões ao receberem tal carta ficaram desesperados, porém não ousaram ir atacal-o; porque tinham a certesa de que V. Lopes, refasendo-se de forças, reunindo todo seu *exercito*, alli encontrariam o seu Waterloo.

—Com tudo não deixaram de ainda faser-lhe diversas emboscadas, mas todas infrutiferas; não já com aquelle furor que os dominava, porque já eram perseguidos, porém não o atacaram mais.

A esse tempo foram elles se dispersando; uns, porque foram presos como Alexandre, Eufrasino, João Ribeiro etc., e antes já havia sido morto José de Barros, e outros porque á falta d'esses, que eram os principaes, e mesmo a instancias de um parente, pessoa considerada, residente em Sobral, aquietaram-se, dando por terminada essa horrivel tragedia que tanto durou e que tantas vidas e sacrificios custou.

—V. Lopes poude então descançar, e fixar sua residencia no logar.—Caminhadeira—do terreno de S. Francisco da Uruburetama.

Alli fiseram-n'o o arbitro de todas as pendencias, o protector da honra das familias, o defensor dos opprimidos e propriedade individual; sua casa era constantemente frequentada por pessoas que procuravam seu vali-

mento; ou porque lhes tivessem roubado ou tentado roubar; ou porque um individuo de má qualidade e de ruins costumes lhes houvesse raptado ou deshonrado alguma filha; outros porque lhes quisessem tomar as terras, e outros que por serem criminosos em outros municipios, a elle procuravam trasendo-lhe carta de recommendações dos amigos, para os abrigar á sua sombra. A todos attendia e tudo remediava a contento das partes.

XVI

—Havia para as partes do Trahiry, um negro perverso, assassino, roubador e mettido a valente, que era o terror da população d'aquellas praias; tendo feito um roubo e carregado á força a filha de um morador d'alli, homem abastado, porém fraco e sem força moral, tratou de evadir-se para fora da terra, furtando mais animaes para sua condução. O pobre homem, sem acção e coragem para o perseguir, lembrou-se de valer-se de V. Lopes, para ver se adquiria a filha, o dinheiro e os mais objectos roubados.

V. Lopes mandou então seu irmão José e um de seus rapases de mais confiança, no encalço do famigerado negro. Facil lhes foi descobrir o roteiro dos fugitivos em rumo do sertão de Jaguaribe, a margem de cujo rio, depois de alguns dias de viagem, ao passar em uma morada souberam, que ha poucos momentos, por ali tinham passado, e era provavel que estivessem descançando á sombra de umas oiticicas que ficavam á vista. Com essa certesa, deixaram alli os cavallos amarrados e, cautelosamente se dirigiram para o logar indicado, tomando chegada, até que poderam descobrir os fugitivos, que n'aquelle momento o negro descançava a cabeça ao collo da moça, que lhe captava os piolhos na negra carapinha em uma boa rede de varandas, que fasia parte do roubo.

—Chegando a ponto de atirar, o companheiro de José Lopes, lhe disse, que não atirasse, que podia muito bem errar e offender a moça, e que deixasse por sua conta; e em um momento em que o negro desviou um pouco a cabeça do seio da moça, disparou-lhe o bacamarte, e vio elle estrebuxar na rede e a moça correr espavorida para fora do rancho, sendo logo alcançada, ajoelhou-se aos pés de José Lopes dando-lhe mil agradecimentos por havel-a livrado do enorme sacrificio que soffria em tolerar aquelle monstro.

O negro morreu immediatamente, e sendo examinado o cadaver para verificar se a pontaria fora certeira, o atirador disse a José Lopes: *Ora seu Cazuza, o diabo d'este bacamarte parece que está torto; pois tendo eu feito a pontaria na menina do olho d'este negro, na occasião em que tinha-os abertos e fixos do rosto da môça, a balla pegou foi na pestana!*

—Voltando a casa onde tinham deixado os cavallos, pediram ao dono d'ella que se encarregasse de enterrar aquelle cadaver. Depois, tendo arrecadado tudo que o negro condusia, fiseram-se de viagem, e ao chegar fiseram entrega ao pae da moça, d'ella e tudo que lhe havia sido roubado.

XVII

Facto egual ao que acabamos de narrar deo-se ainda com relação a um celebre assassino conhecido por Souzão. Este que era de Pajehú de Flôres, onde era criminoso por mais de uma morte, foi ter com V. Lopes pedindo-lhe protecção, elle acolheu-o, ficando porém sempre prevenido com o tipo. Passado algum tempo, Souzão retirou-se de sua companhia, para o lado da praia, de onde depois de alguns meses, rouba a uma pessôa, e como o negro que a pouco nos referimos rapta-lhe uma filha. Feito isso, apresenta-se um dia a V. Lopes, e sem lhe diser o que havia praticado lhe pede que fornecesse-lhe uma conducção para ir até o Riacho do Sangue a negocio, de onde voltaria breve. V. Lopes

forneceu-lhe animaes e um rapaz para o acompanhar. Depois de muitos dias apresenta-se-lhe o rapaz disendo que Souzão o despachara, sem que quisesse voltar os animaes, e que em sua companhia condusia uma moça que parecia ser de boa familia, contra a vontade d'ella, que via sempre a chorar; que elle havia ficado em tal parte no Riacho do Sangue.

Ao receber esta noticia V. Lopes em companhia de seu irmão José e um dos seus rapazes, partiram sem mais demora em procura d'aquelle audaz faccinora. Depois de alguns dias de viagem foram descobril-o em um rancho, no Riacho do Sangue, onde vivia com a moça. Vicente Lopes ao avistar de longe mesmo intimou-o a que se rendesse; mas Souzão, apenas ouviu essa vós ergueu-se da rede em que descançava e procurou armar-se para enfrentar-lhes; porém foi tarde porque o rapaz que os companhava descarregou-lhe o bacamarte, prostando-o por terra sem vida. A pobre moça levantou as mãos para o Céo agradecendo a Deus, e a seus salvadores de a ter livrado do sacrificio em que vivia. Declarou então a que familia pertencia e entregou tanto os animaes, como o dinheiro e mais objectos que tinham sido roubados por Souzão.

—V. Lopes mandou sepultar o cadaver, condusio a moça e entregou-a aos paes, assim como tudo que lhes fora roubado.

Em agradecimento, o pae da moça deu alguns presentes aos salvadores de sua filha, e indemnisou-os das despesas feitas.

XVIII

—Quando ainda andava em trabalhos, um dia acompanhou-o um pretinho das canellas muito finas e de olhos muito vivos, pedindo para faser parte de seu sequito, a que V. Lopes accedeu, advertindo-lhe que rapases seus não dormiam de dia, e á noite muito pouco, a que o pretinho respondeu, que não era dorminhoco, e *que tinha somno tão leve como tetéo*. Logo no pri-

meiro descanço que fiserão, a hora da refeição, o pretinho dormia e roncava como um porco. V. Lopes mandou que o accordassem, e o que foi encarregado d'isso tomou do bacamarte e fez-lhe fogo, porem a arma mentio fogo; pela segunda vez aconteceu a mesma cousa, sem que o pretinho accordasse. Então V. Lopes lança mão de seu *canario*, e quando bateu a pedra vio, com surpresa sua, os feixes cahirem! N'esse interim o pretinho despertou risonhamente, e V. Lopes mandou que procurasse outro rumo, e que não o queria mais nunca ver, pois não admittia gente que soubesse mais do que elle em sua companhia.

XIX

De outra vez, seguindo do logar Tesoura para o Cangaty, no Cúrú, foi alcançado por um cabra que disse-lhe ser cangaceiro dos Mourões, mas como elles o quisessem matar, fugira do bando d'elles e vinha procurar a sua protecção e ajudal-o a deffender. V. Lopes desconfiando de tal generosidade mandou que elle seguisse em sua retaguarda, e ao tempo em que os outros companheiros de V. Lopes, haviam se atrasado, sentio elle o estalido do bacamarte do cabra, que mentira fogo; perguntou-lhe o que era, e elle respondeu que o cão do bacamarte que casualmente cahira do descanço; V. Lopes fingio ligar pouca importancia ao caso, e continuou a seguir; com poucos momentos mais sentio novamente o mesmo estalido, disendo o cabra que o bacamarte estava desmantelado, e só cahindo o feixo do descanço.

—Os companheiros de V. Lopes, que viram elle parar o cavallo para os esperar, e um d'elles que vira, de longe mesmo, o cabra apontar o bacamarte para o amo, ao aproximar-se tocou logo fogo no cabra, que o deitou por terra quasi morto, sem poder fazer mais acção. Poucos momentos depois era defunto; mas antes de morrer pedio que não o acabasse de matar, e confessou ser um dos mais famigerados cangaceiros dos

Mourões, que tinha sido por elles incumbido de matar V. Lopes. E' o caso de diser-se: foi buscar lan, e sahio tosquiado.

XX

V. Lopes era *chimango* (liberal) e como tal gosou de muita influencia no Aracaty-assú. Conta-se que Alencar, quando presidente da Provincia fora atacado em Sobral pela tropa revoltosa commandada por Torres, Lins, Jacarandá etc. e ao regressar para a Capital, encontrara-se com V. Lopes, que ia em seu soccorro com 60 homens, montados, armados e municiados, desculpando-se de não ter chegado a tempo, por não ter sabido logo da revolta. Alencar grato a tamanha dedicação de seu correligionario, e já informado da vida de V. Lopes, pedio-lhe que desse-lhe os nomes dos homens que eram criminosos de entre aquelle *exercito* e então cooperou para que elles e o proprio V. Lopes fossem absolvidos de seus crimes.

XXI

Restabelecida a paz para V. Lopes, ficou elle residindo em sua fazenda – Caminhadeira – no Aracaty-assú, tratou de despersar os seus cangaceiros, e de crear sua familia nos melhores costumes, acouselhando-a a viver sempre em boa harmonia com todos, e ensinando-lhes os salutares principios da boa moral e da religião do Crucificado, o que conseguio ver até o fim de sua vida; prohibio expressamente a seus filhos de usar de armas de fogo, a menos que para isto fossem forçados, ou para caçadas. O seu nome, porem, tornou-se conhecido e respeitado, não só no Ceará, como nos sertões dos estados circumvisinhos, Piauhy, Rio-Grande do Norte, Parahyba etc.

XXII

Tanta era a fama que gosava V. Lopes, de valente e generoso que um anno José do Rego Chaves, homem pandego e muito celebre por suas gaiatices,

andando em viagem por onde não era conhecido, foi ter já quasi ao meio dia, ainda em jejum, a casa de um senhor no municipio do Cascavel; alli appareceu-lhe o dono da casa a quem pedio pousada para descançar, este, sem perguntar-lhe ao menos quem era e de onde vinha, indicou-lhe um ramalhudo cajueiro a pouca distancia em frente a casa de onde estando a porta principal aberta de cima abaixo observava-se a sala de jantar. José do Rego arranchou-se, peou o seu cavallo alli mesmo onde havia uns fragmentos de bagaços de cana, armou a rede nos galhos do cajueiro, deitou-se e poz-se a bocejar, a faser cruses na bocca e ouvir as tripas a tocar rabeca, tal era a fome que o devorava.

Depois de alguns momentos ouviu o tinir de pratos e lançando a vista para a porta aberta observou o dono da casa sentado a cabeceira da meza á comer em companhia da familia; levantou-se immediatamente e enfiou pelo corredor, puxou de uma cadeira e sentou-se ao lado da meza, sem fallar com ninguem, e com grande surpresa dos comensaes lançou mão de um prato e talher e disse, suspirando: *Ai! deixe-me comer aqui uns quatro bocados!* tirou uma grande e gorda curimatã e poz-se a comel-a com a maior soffreguidão e desembaraço, sem olhar para os comensaes; uma mocinha poz-se a olhar para elle e a fazer bocca de riso; o dono da casa carregou o sobresenho, formalizou-se e perguntou-lhe quem elle era, e o que pretendia, respondeu-lhe que chamava-se José do Rego Chaves de Negreiros, era sobrinho do Capm. Vicente Lopes Vidal de Negreiros, e que por ali andava a negocios de interesse de seu tio. O dono da casa a ouvir o nome de V. Lopes estendeu-lhe a mão já com o semblante risonho disse-lhe que tinha honra em o conhecer, desfez-se em desculpas de não haver tratado logo como devera, e que sua presença alli era para elle do maior contentamento; agasalhou-o em casa, mandou tratar do cavallo e não lhe faltou mais com boa hospedagem durante dias que obrigou-o a demorar-se. Ao retirar-se, prevenio-o do que era preciso para a viagem, fasendo-lh

mil oferecimentos, e pedindo-lhe que o recommendasse a seu tio a quem muito desejava conhecer.

—José do Rego, de quem fomos amigo, e d'elle sabemos de muitas anecdotas interessantes, andava somente de *macca* a *guaipa*, sem destino, e se era parente de V. Lopes, era por parte de Adão e Eva, se é que taes creaturas existiram e d'elles provem o genero humano.

XXIII

Quando foi preso Alexandre Mourão, e tendo de seguir escoltado no meio de um bando de criminosos e recrutas do Ipú para Fortaleza, em 1850 ou 51, no dia em que havia de passar em frente a casa de V. Lopes, no Aracaty-assú, que ficava na estrada, foram avisar a elle que se queria ter o praser de ver aquelle seu inimigo preso, não sahisse de casa n'aquelle dia. Elle porém respondeu que teria praser era de o ver livre em plena liberdade, gosando de vida e felicidade, pois muito havia de contristar-se em ver preso, e lastimava inteiramente, um homem como Alexandre, um dos principaes membros de uma familia importante, onde habitava, tanto pelos seus haveres, como pela posição politica que occupava, se visse n'aquelle estado quando poderia estar fasendo uma figura saliente na sociedade; por isso retirava-se de casa n'aquelle dia. E, de facto retirou-se, só procurando-a á noite, quando a escolta lá havia passado.

—Diz-se que Alexandre Mourão ao enfrentar a casa de V. Lopes, baixara a cabeça e botara o chapeu em cima dos olhos.

—Alexandre Mourão sempre respeitou a familia de V. Lopes, e nunca consentio que seus capangas a insultasse pelas diversas veses que sitiaram-lhe á casa. E, como já dissemos, reprovou energicamente e prohibiu que Joaquim Mourão, em um d'esses cercos, sangrasse o menor Sebastião, filho de V. Lopes, para descobrir onde este parava.

XXIV

—No Aracaty-assú acabou de crear sua familia. Alli ficou viuvo, e tendo casado os filhos, ficou-lhe apenas uma filha moça, a qual sendo raptada, em 1864, por um filho de Alexandre José Rodrigues, conhecido por Alexandre Barroso, capitalista residente em S. Francisco da Uruburetama, este oppõe-se a que o filho se casasse com a filha de V. Lopes; sabendo elle d'isto, foi ter-se com Barroso, que lhe declarou não dar consentimento para o filho se casar visto como era de menor edade, e dispunha de muito recurso para mandal-o para fora afim de evitar o casamento etc.; note-se que o rapaz já era maior de 21 annos. V. Lopes, então, com toda fleugma, disse-lhe que sabia, que o principal e unico motivo do seu não consentimento era elle e sua filha serem pobres, e elle Barroso e seu filho serem ricos; porém que em tal dia condusiria sua filha para S. Francisco, prompta para casar-se, e a tal hora ella estaria na Egreja com suas testemunhas, onde o Padre se acharia, e esperava que o noivo até o momento d'ella concluir sua confissão lá se achasse. E, se assim não acontecesse elle voltaria com ella considerada como uma mulher perdida, para sua casa, onde ainda tinha uma *negra velha* muda ha muitos annos, e que era a ocasião d'ella recobrar a falla, e então o seu filho seria um defunto, e oxalá fosse elle só. Dito isto, despedio-se cortezmente de Barroso e retirou-se. Passados alguns momentos de reflecção Barroso mandou a toda pressa atrás de V. Lopes, pedindo-lhe que lhe fisesse o obzequio de voltar para tratarem do casamento de seus filhos, o que effectivamente fizeram, mandando Barroso ver o filho de onde se achava refugiado, e deu pressa ao casamento que effectuou-se no dia designado por V. Lopes, com toda solemnidade e grande contentamento de ambas as partes.

XXV

—Achando-se já sem familia em casa e com poucos bens semoventes mudou-se do Aracaty-assú para o lo-

gar — Espora — no Curú — do termo do Canindé onde possuia terra apropriada tanto para a creação como tambem a cultura de cereaes, fumo e algodão. Alli tratou, principalmente d'esta industria que naquelle tempo elevou o algodão a um preço exagerado tornando-se, portanto, uma verdadeira mina devido a guerra fratricida dos Estados-Unidos da America do Norte.

— Com o recrutamento forçado que logo estabeleceu-se, para prehencher os claros abertos pelas armas paraguayas no nosso exercito durante cinco annos, 1864 a 1.º de Março de 1870, muitos rapazes acostaram-se a V. Lopes, com medo de serem recrutados. Elle que precisava de braços para o seu trabalho não deixava de acolhel-os; e assim tinha com sigo uns 10 ou mais a quem sustentava e pagava um modico salario aos que tinham familias.

Sendo denunciado ao governo do Estado, que V. Lopes acoitava muitos designados, desertores e criminosos em sua casa, manda o presidente da Provincia uma forte escolta de praças do corpo de policia commandada pelo Tenente Prudente Gomes Brazil, capturar a gente que V. Lopes tinha, tanto criminosos e desertores, como os que fossem capases de ir para o Paraguay. Seguio a escolta da capital com todo o aparato belico; pouco logo depois foi V. Lopes avisado por amigos, de que seria atacado por ella. Não se perturbou, apenas avisou a seus trabalhadores disendo-lhes que se queriam ir embora que fossem; e se pelo contrario queriam ficar, que ficassem, na certesa de que nenhum sahiria d'alli amarrado, pois sabia que o commandante da escolta era um homem *prudente*, e conseguintemente o havia de attender. Todos ficaram.

— O Tenente Prudente, em vespera do dia em que tinha de pôr cerco a casa de V. Lopes, foi aconselhado que tal não fisesse, que deixasse a escolta a certa distancia e fosse entender-se com elle sem receio algum, pois era um homem muito rasoavel, e que o havia de

tratar muito bem, e não se opporia a que alguns de seus trabalhadores, que quisesse ir para guerra voluntario que o fosse, e que se algum criminoso e desertor houvesse, que os entregaria, pois V. Lopes não queria comsigo tal gente, desde que deixou o cangasso.

—Prudente tomou o conselho e apresentou-se a V. Lopes, que já o esperava, acompanhado apenas, por uma ordenança, tendo deixado a escolta a certa distancia. V. Lopes recebeu-o com toda affabilidade, e disse-lhe que já sabia a que alli vinha, que era exato ter a seu serviço, não criminosos e desertores, porém rapazes que temiam ser recrutados; mas que uns eram casados e outros filhos de viuvas e alguns defeituosos; que não se oppunha a que elles, caso quisessem, fossem para a guerra, o que não desejava era que d'alli sahissem amarrados. E, immediatamente mandou-os chamar no serviço, apresentou-os ao Tenente e disse-lhes, que se queriam ir para a guerra declarassem para acompanhar aquelle tenente, como voluntarios, e como nenhum quisesse, o Tenente mandou-os debandar, pois que não havia um só que servisse. V. Lopes assim o fês. Mandou que o Tenente se arranchasse sem o menor receio, e que podia mandar vir a sua tropa para descançar pelo tempo que quisesse. O Tenente deu ordem a vir a escolta que ficara a pequena distancia; sendo tanto elle como os soldados tratados da melhor forma.

Ao retirar-se a tropa, V. Lopes supprio-a do que era preciso para a viagem, pelo que e pelas bôas maneiras, por que fôra tratado, o Tenente manifestou-lhe a maior sympathia e gratidão, offerecendo-se-lhe com franqueza para o servir no que lhe podesse ser util na Capital. O que é certo é que não o encommodaram mais.

—Dizem que V. Lopes era padrinho e muito amigo de José Antonio, do Fechado e que a este suggerira todos os planos de livrar-se de prisão e de ser morto por seus enimigos. O que é que é verdade é que José Antonio nunca foi preso apesar dos muitos trabalhos que soffrera, perseguido por tropas e por eni-

migos rancorosos, e ainda hoje existe em pleno goso de suas faculdades mentaes, com 87 annos de edade, tendo se casado o anno passado com uma moça de 22 annos de edade, morando no termo de Bôa viagem. (2)

. . . . . .

. . . . . .

Aqui termina o manuscripto do coronel Thomaz Catunda.

Por mais de uma vez o respeitavel ancião promettera ultimar as suas interessantes notas, affirmando-nos conhecer mais alguns episodios que seriam editados como remate ao demorado estudo que fizera sobre a individualidade de Vicente Lopes, mas os seus antigos soffrimentos, dia a dia aggravados, não permittiram que elle ultimasse o importante trabalho, cuja publicação ora fazemos, e que deixou de ser divulgado, em tempo, unicamente por motivos de ordem meramente pessoal — não querer o seu autor melindrar a quem, por ventura, se julgasse offendido com a descripção que fazia dos muitos factos em que se vira envolvido o heróe de suas lucubrações.

Fort., agosto, 918.

EUSEBIO DE SOUZA.

---

(2) José Antonio do Fechado (José Antonio de Souza Uchôa) falleceu no dia 21 de junho do corrente anno na fazenda —"Lagôa das Pedras", do termo de Canindé, acolhido em seus ultimos dias por seu generoso irmão Antonio de Souza Uchôa.

Morreu com a avançada idade de 96 annos, no gôso de suas faculdades mentaes.—E. S.